

(...) *A felicidade é como a gota de orvalho numa pétala de flor
Brilha tranquila, depois de leve oscila e cai como uma lágrima de amor (...)*

Tom Jobim

Felicidade: é possível?

Desde quando me foi proposto escrever um texto que tratasse sobre a felicidade, busquei, no meu repertório dos anos já vividos, quais sentimentos e vivências permeavam a minha relação com a felicidade. Invariavelmente, pulsavam ideias, sentimentos e lembranças: instantes de vida que eu lutava para que se estendessem um pouco mais. Uma tentativa de capturar a alegria dos momentos, a fim de que eles se eternizassem, na busca constante de pequenos infinitos.

Em seguida, passei a analisar como as pessoas encaravam e concebiam a felicidade. Penso que foi necessário “aquecer” ideias, com a finalidade de ordená-las de maneira a me fazer compreendida e tornar o texto interessante e leve.

Foi curioso perceber as diversas manifestações, os valores, as crenças a respeito de ser feliz. Sabe-se que a busca pelo estado de felicidade tornou-se quase uma obrigação do mundo pós-moderno e obtê-lo, a qualquer custo, é um desejo, em geral, de quase todas as pessoas.

A partir dessas indagações, buscarei retratá-la do ponto de vista filosófico, entendendo que a Filosofia é a ciência que viabiliza o estudo e a reflexão de problemas fundamentais, sobretudo daqueles relacionados à existência humana. Estas ideias não têm a pretensão de esgotar o tema em questão, mas provocar novos questionamentos, a fim de que estes impliquem os leitores na inquietude que é o sentido e a busca da felicidade.

Os significantes advém de construções históricas que se constituem no imaginário mítico de uma comunidade. Na história da humanidade, compreendem-se os mitos como a maneira encontrada pelo homem para explicar o inexplicável e compreender a realidade e seu contexto. Na mitologia grega, por exemplo, são as Graças, conhecidas como as Deusas da Felicidade, representantes, cada uma delas, do esplendor, da alegria e do desabrochar. Elas são associadas a tudo que promove encantamento, prazer, satisfação, júbilo e deleite com a vida.

Mais tarde, os filósofos gregos começam a pensar sobre a felicidade, definindo-a como um instante de vida que vale a pena viver por si mesmo. Efêmero e necessário, pois entediante seria um estado contínuo de felicidade.

Sócrates "abriu as portas" rumo à compreensão da ideia de felicidade, afirmando que ela não se relacionava apenas à satisfação dos desejos e necessidades do corpo, pois para ele, o homem, além de ser corpo, era, principalmente, alma, cujo maior bem, a felicidade, só poderia ser conquistada por meio de uma conduta virtuosa e justa.

Aristóteles disse: "... cada um é feliz na medida que faz e cumpre a sua missão; a felicidade só resulta do cultivo da virtude". Para Aristóteles, a ideia de felicidade perpassava também pelo coletivo. Para ele a chave é praticar o bem.

Com o advento do cristianismo, a ideia de felicidade difundida até então deu lugar à concepção de bem-aventurança espiritual. São Tomás de Aquino foi o maior expoente da filosofia cristã. Sua influência no pensamento ocidental, significativa, e muito da filosofia moderna foi concebida como desenvolvimento ou oposição às suas ideias.

Ao longo da história, percebemos que a felicidade parece ser um anseio comum a todos os seres humanos, em todos os espaços e tempos, cabendo a cada um escolher o meio de vida que julga como o mais adequado para alcançá-la.

Espinosa dizia que alegria ocorre quando você ganha potência de agir. É a passagem para um estágio mais potente do próprio ser, considerando-se potência como sinônimo de perfeição. Por sua vez, a tristeza refere-se à passagem para um estágio menos potente. Na esteira do pensamento de Espinosa, podemos inferir que não nos mantemos alegres sempre. Portanto, é impossível só se alegrar. Para que haja alegria tem que haver tristeza.

Atualmente, a ideia de felicidade está associada ao prazer, à realização de desejos, satisfação a todo custo, diferentemente do que pregava Epicuro (filósofo grego), que dizia que o prazer está ligado a limites e que não podemos nos deixar escravizar por ele.

O mundo contemporâneo insiste em criar um ideal ilusório de completude que leva pessoas infelizes a se comportarem como se fossem felizes. Apresentam-se, obcecadas pela ideia de que todos devem ser visíveis, a exemplo do uso abusivo de ferramentas tecnológicas como o Facebook e Whatsapp, para que, além de visíveis, sintam-se existentes na vida do outro. A busca por objetos transitórios ofertados

como promotores da felicidade, mascara o vazio existencial, que acaba por não ser preenchido.

Há um crescente desapego das relações interpessoais, individualismo exagerado, cultura do hedonismo, consumismo desenfreado e violência associada a um desinteresse pelos fenômenos sociais. Uma cultura na qual a riqueza é sinônimo de êxito e felicidade. Uma economia em que o "ser" consiste em comprar, usar e desperdiçar. Impõem-se as utopias do imediatismo desesperado do prazer a qualquer custo. O importante é parecer feliz, projetando-se o tempo inteiro, provando que devemos ser felizes todo o tempo e, com isso, beneficiando outros, inclusive à indústria farmacêutica.

Por esta razão, constatamos que não há fórmulas mágicas, receitas, manual de instruções, porque o que alegra hoje pode não mais entusiasmar amanhã. O que é melhor, então, ensinar a ser feliz ou buscar os meios de conhecer a nós mesmos, reconhecendo que angústia, dor, finitude, medo, incompletude, incertezas fazem parte da condição humana e, a partir de então, buscar ser feliz?

Provavelmente, cada um que resolver responder à pergunta do que é ser feliz, apresentará uma resposta própria, pois, num certo sentido, felicidade é algo singular, subjetivo e intransferível, que inexistente no fazer por fazer, no esperar que a vida passe apenas porque precisa passar, mas que os momentos, ainda que efêmeros, sejam infinitamente duradouros e impregnados de sentidos.

Verena Lira é Professora, Pedagoga, especialista em Psicopedagogia e tem MBA em Gestão Escolar. Atualmente, também, graduanda em Psicologia. Atua no Villa como Orientadora Educacional da Educação Infantil e 1º ano do Ensino Fundamental.